



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Amor: causa ou efeito do perdão?

Love: cause or effect of forgiveness?

Hilberto Carlos Schaurich*

Resumo

Este artigo trata da temática do perdão e sua relação com o amor e a gratidão. O ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo será o texto de Lc 7.36-50. Lucas apresenta a narrativa em que Jesus é ungido por uma mulher pecadora que teve seus pecados perdoados. O objetivo deste estudo é investigar se a demonstração de amor de uma pessoa perdoada é a causa ou o efeito do perdão. Para alcançar este objetivo a metodologia utilizada foi o estudo exegético-teológico. O estudo parte da seguinte compreensão: o perdão recebido por Jesus gera um amor novo e abundante que preenche e direciona toda vida e ação da pessoa que o recebe, levando a uma nova relação com Deus e com o próximo. Além disso, o perdão gera gratidão em relação àquele que liberou o perdão, sendo esta gratidão manifestada através de atitudes de afeto, admiração e serviço voluntário.

Palavras-chave

Pecado. Jesus. Gratidão.

Abstract

This article deals with the theme of forgiveness and its relationship with love and gratitude. The starting point for the development of this study will be the text Lk 7.36-50. Luke presents the story where Jesus is anointed by a sinful woman who had her sins forgiven. The aim of this study is to investigate whether the demonstration of love of a forgiven person is the cause or the effect of forgiveness. To accomplish this, the methodology used was the exegetical and theological study. The study of the following understanding: forgiveness received by Jesus creates a new and abundant love that fills and directs all life and action of the person who receives it, leading to a new relationship with God and with one another. In addition, forgiveness generates gratitude towards the one who released the forgiveness, which is gratitude manifested through attitudes of affection, admiration and voluntary service.

[Texto recebido em 19/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Hilberto Carlos Schaurich é Bacharel em Teologia e Mestrando em Teologia pelas Faculdades EST, de São Leopoldo/RS, Brasil. O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Contato:< hillschaurich@yahoo.com>.

Keywords

Sin. Jesus. Gratidade.

Considerações Iniciais

O presente artigo aborda a temática do perdão e da sua relação com o amor e a gratidão. O ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo será a última unidade literária do capítulo 7, do evangelho de Lucas, constituída pelos vs. 36-50. E dentro dessa unidade literária exploraremos a fundo a perícopes composta pelos vs. 44-47. Esta unidade narra um evento que ocorreu na casa de um certo fariseu chamado Simão. Jesus tinha sido convidado por este fariseu para jantar em sua casa; as razões desse convite não se sabe ao certo, mas Jesus aceitou o convite e foi jantar na casa de Simão. Estando lá, entra em cena uma certa mulher, denominada pelo fariseu como *hamartolos* (pecadora), que toca em Jesus e o unge com unguento. A narrativa continua com seus devidos desdobramentos, conforme veremos no decorrer desta pesquisa. O objetivo deste estudo, com base no texto mencionado acima, é investigar se a demonstração de amor e gratidão por uma pessoa é a causa ou o efeito do perdão. Para alcançar este objetivo a metodologia a ser utilizada é o estudo exegético-teológico da perícopes constituída pelos versículos 44 a 47, do capítulo 7, do evangelho de Lucas.

Mediante a exploração desta perícopes pretendemos encontrar elementos que venham esclarecer ou responder a problemática levantada. Neste artigo não apresentaremos todos os passos metodológicos que um estudo exegético completo exige, mas alguns recortes, onde apresentaremos os resultados alcançados por esta pesquisa. O método exegético adotado neste estudo é o de crítica textual.

Este artigo é composto, além desta introdução, de 3 seções: na primeira seção apresentaremos alguns aspectos literários do evangelho de Lucas, principalmente sobre o capítulo 7; na segunda seção abordaremos algumas questões históricas; na terceira seção, questões teológicas. E por fim, as considerações finais como fechamento deste artigo.

Delimitação do texto

Segundo Marshall, o capítulo 7 do evangelho de Lucas é formado por seis unidades e o texto de Lc 7.36-50, que é a unidade alvo da nossa pesquisa, é a última deste capítulo. Estas unidades encontram-se distribuídas da seguinte forma: i) a cura do servo do centurião (Lc 7.1-10); ii) a ressurreição do filho da viúva (Lc 7.11-17); iii) Jesus responde à João (Lc 7.18-23); iv) Jesus testemunha à respeito de João (Lc 7.24-28); v) a rejeição de João e Jesus (Lc 7.29-35); e por fim, vi) a pecadora que ungiu os pés de Jesus (Lc 7.36-50).¹

¹ MARSHALL, I. Howard. *The New International Greek Testament Commentary: The Gospel of Luke - A commentary on the greek text*. Willian B. Eerdmans Publishing Company:Michigan, 1983, vol.3. p. 276-314.

O tema central do capítulo 7 do evangelho de Lucas é o relacionamento entre os discípulos de João e de Jesus. Embora Lucas não deixa muito explícito, a estruturação da seção (Lc 7.36-50) recebe maior credibilidade se vemos na mulher pecadora sua boa vontade em relação a Jesus e a evidência do conhecimento prévio do perdão que vem por meio Dele, como sinal de que sua vida já tinha sido tocada pela pregação de João Batista.²

A presente forma do episódio é complexa; conseqüentemente sua forma histórica é muito disputada e há muitos pontos de vista sobre a centralidade do conteúdo do texto. Em geral, as tentativas feitas para identificar partes da história como adições tardias devem ser compreendidas como mal sucedidas.³

A história usada nesta unidade literária é uma ilustração da associação de Jesus com os pecadores, mas o ponto central dela é um pouco diferente. A característica central na história, como apareceu na parábola dos dois credores, é o contraste entre o amor demonstrado pela mulher pecadora em relação a Jesus e a falta de amor demonstrado por Simão, o fariseu, cuja evidencia está nas diferentes medidas de gratidão demonstradas por eles em relação a Jesus. A partir desta demonstração diferenciada de gratidão é desenhado o fato de que a mulher teve seus muitos pecados perdoados, e isso é confirmado por Jesus com uma declaração explícita de perdão(v. 47).⁴

Ao mesmo tempo, a questão de quem é Jesus aparece de forma proeminente. O fariseu tinha dúvida se Jesus realmente era um profeta; esta dúvida surgiu diante da não reação de Jesus em relação a mulher que estava atrás dele e o tocava (v. 39). Ao passo que Jesus interpela Simão contando-lhe a parábola dos dois devedores, fazendo uma analogia àquela mulher pecadora que estava unguendo os seus pés. No desfecho do diálogo entre Jesus e Simão, Jesus se volta para a mulher e declara: “perdoados são os teus pecados”(v. 40-47). Esta declaração causou grande alvoroço aos que estavam na companhia deles, os quais se perguntavam: “Quem é este que até perdoa pecados?” (v. 49). A esta pergunta não obtiveram nenhuma resposta direta, mas a resposta estava implícita. É precisamente pelo fato de Jesus ser um profeta com autoridade divina que Ele acolhe os pecadores e os perdoa.⁵ “Simão negou a autoridade profética de Jesus, mas qualquer pessoa que pode perdoar pecados tem de ser mais que profeta. O pronunciamento de perdão dado por

² NOLLAND, John. *Word Biblical Commentary: Luke 1-9:20*. Dallas: Word Books Publisher. 1989, vol. 35a. p.351.

³ NOLLAND, 1989, p. 351.

⁴ MARSHALL, 1983, p. 304.

⁵ MARSHALL, 1983, p. 304.

Jesus implica que Ele tem autoridade divina, pois só Deus pode perdoar pecados”.⁶ Com isso, Jesus também afirmava ser Deus.⁷

Estrutura do texto

O conteúdo da unidade está estruturado em quatro perícopes que desenvolvem a narrativa e estão assim distribuídos: vs. 36-39, vs. 40-43, vs. 44-47 e vs. 48-50; estes últimos formam um epílogo. A perícope 36-39 narra os primeiros acontecimentos na casa do fariseu, sendo que o fariseu é mencionado no primeiro e no último verso da unidade. Na segunda perícope, formada pelos vs. 40-43, temos uma forma estilística de redação chamada quiasmo.⁸ Esta forma de redação aparece nos versículos das extremidades da perícope, isto é, vs. 40 e 43: no v. 40, Jesus dirige-se a Simão e as pessoas que estão a sua volta com uma pergunta e Simão demonstra-se receptivo àquilo que está prestes a perguntar; no v. 43, Simão faz seu julgamento e Jesus, por sua vez, concorda. Nos vs. 39 e 43 temos duas avaliações feitas por Simão. Os vs. 44-46 realizam a função de descobrir a equivalência ao recontar o ocorrido nos vs. 37-38 à luz dos vs. 40-42. Então nesta terceira sequência da narrativa, o fariseu, que nos dois primeiros momentos fez seu julgamento, agora é julgado pelo seu próprio julgamento. O epílogo, vs. 48-50, traz a história para sua conclusão permitindo Jesus dialogar com a mulher, cujo comportamento tem sido o assunto na sua relação com Simão.⁹

Questões Históricas

A autoria do terceiro evangelho sinóptico é atribuída a Lucas. Mesmo que não exista nenhuma evidência direta ou indireta no evangelho e nem tampouco em Atos dos Apóstolos, segundo livro escrito pelo mesmo autor, essa afirmativa não gera muita objeção.¹⁰ A tradição, por unanimidade, afirma que Lucas é o autor do evangelho. As evidências por eles encontradas estão no prefácio do evangelho, onde fica evidente que o autor não foi uma testemunha ocular das coisas que registra, mas que pesquisara evidências com as pessoas que participaram dos acontecimentos.¹¹

Lucas dedicou ambas as suas obras a Teófilo, um homem culto e provavelmente muito influente. Não há evidências se ele era cristão. “De qualquer maneira, Lucas

⁶ ARRINGTON, French L. Lucas. In: ARRINGTON, French L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v. 1. p. 362.

⁷ WIERSBE, Warren. W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, v.1. p. 257.

⁸ Este procedimento consiste em organizar o texto em dois períodos consecutivos, de modo que, no segundo período, reapareçam os mesmos signos ou elementos do primeiro, mas em ordem inversa, segundo suas características formais ou contêntísticas (SILVA, 2009).

⁹ NOLLAND, 1989, p.353.

¹⁰ HÖRSTER, Gerhard. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2008.

¹¹ MORRIS, Leon L. *Lucas: Introdução e Comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: vida Nova, 2011. p. 14.

menciona que Teófilo era instruído em palavras (essa é a formulação exata no original). Isso pode significar que Teófilo já fora instruído na fé em Jesus Cristo e que agora deveria ser fortalecido nela pelo livro de Lucas".¹² Outra hipótese é que Teófilo poderia ser um funcionário romano, responsável por receber as notícias sobre os cristãos e agora queria informações sobre a fé cristã. Uma terceira hipótese é que ele quisesse se engajar na propagação desse livro entre os grupos que conheciam a fé cristã. Sendo assim, o livro não seria endereçado somente a um homem, mas a esse grupo de leitores.¹³

Sobre o local da origem desse evangelho, a única afirmação que pode ser feita a este respeito é que ele se originou fora da Palestina. Quanto à data, tem sido sugerido para este evangelho três opções: a primeira cerca de 63 d.C., a segunda cerca de 75-85 d.C. e a terceira no começo do século II. Fica difícil de determinar qual data realmente o evangelho foi escrito; as mais cotadas estão entre a primeira e a segunda opção, sendo a terceira data muito remota.¹⁴

Questões Teológicas

Nesta seção analisaremos o coração do texto, ou seja, exploraremos todas as partes como também o conjunto do texto da nossa pesquisa que é a perícopes formada pelos vs. 44-47. Na parte inicial desta análise, dos vs. 44-46, faremos uma abordagem do conteúdo teológico de forma ampla, em bloco, e do versículo 47, faremos uma análise mais detalhada, pois este é o verso chave do nosso estudo e a problemática desta pesquisa gira em torno dele.

Iniciaremos nossa análise teológica com os vs. 44-46. Seria possível pular do v. 43 para o v. 47 e encontrar uma transição homogênea, ou seja, sem grandes prejuízos para compreensão do texto. Mas por outro lado, sem eles, a unidade pode se tornar muito fraca. Em alguns casos esses versículos (44-46) são tratados como um aumento lucano. Ainda que este fato não seja impossível, não há nada que evidencie que estes versículos são um acréscimo de Lucas. A regra vital apresentada pelos vs. 44-46, é de trazer para o foco a análise da estrutura da perícopes.¹⁵

Os vs. 44-46 são a aplicação do assunto tratado na perícopes anterior, onde Jesus conta a parábola do dois devedores cujas dívidas lhes foram perdoadas. Jesus voltou-se para a mulher e perguntou a Simão: "Vês esta mulher?" A mulher estava ali diante deles, mas Simão não conseguiu ver aquela mulher conforme era, pois a olhava conforme tinha sido.¹⁶ "Simão via seu passado, enquanto Jesus via seu futuro".¹⁷ O problema da lógica de

¹² HÖRSTER, 2008, p. 37.

¹³ HÖRSTER, 2008, p. 37.

¹⁴ MORRIS, 2011, p. 20.

¹⁵ NOLLAND, 1989, p. 357.

¹⁶ MORRIS, 2011, p. 140.

¹⁷ WIERSBE, 2006, p. 257.

Simão é também o problema que encontramos em vários de nossos argumentos. Eles estão baseados em premissas que são assumidas interiormente, mas estas premissas devem ser examinadas antes que venhamos estabelecer qualquer conclusão por meio da razão. A suposição de Simão em relação a mulher pecadora, está arraigada no tipo de abordagem da sua religião, pois ele acreditava, como os demais, em um total compromisso com as leis da pureza ritual que gerações de rabinos haviam retirado das leis prescritas do AT.¹⁸

A pureza ritual exigia que a pessoa que havia sido separada para Deus fosse isolada de tudo que fosse impuro. Portanto, Simão automaticamente inferiu que, como a mulher era uma pecadora, a única maneira apropriada de se relacionar com tal pessoa era rejeitá-la e se afastar, ou então ser contaminado.¹⁹

Contudo, Jesus tinha um conjunto de suposições totalmente diferente da tradição farisaica. Ele via a mulher como uma pessoa e não como um objeto; Ele via com compaixão e amor, sem desprezo ou condenação. As atitudes daquela mulher demonstravam uma resposta a Ele que havia prometido uma transformação interior; transformação tal, que o passado dessa mulher tornou-se irrelevante.²⁰ “Então Jesus passou a contrastar a atitude dela com a do seu hospedeiro. Agora transparece que, embora Simão tivesse convidado Jesus ao seu lar, não Lhe dera o tratamento devido a um hóspede honrado”.²¹

Era de se esperar que o hospedeiro tivesse fornecido água para os pés dos seus hóspedes (Gn 18.4; Jz 19.21). Jesus não recebera este ato de cortesia. Mas Seus pés foram lavados pelas lágrimas da mulher. De modo semelhante, ao invés do beijo de boas-vindas que poderia ter esperado do Seu hospedeiro (Gn 29.13; 45.15), recebeu beijos nos Seus pés. E finalmente, ao passo que Simão omitira a unção da cabeça de Jesus (Sl 23.5; 141.5), a mulher ungira Seus pés com unguento.²²

Como anfitrião, Simão não havia recebido Jesus com a devida cortesia. Aquela mulher atentou para tudo o que ele tinha negligenciado, e o fez com esmero e profunda gratidão.²³ Este ato de descortesia pode ter sido pequeno, mas muito significativo naquela cultura. A falta destes detalhes de hospitalidade demonstram aos outros convidados que ele ainda estava em dúvida em relação a pessoa de Jesus, como também demonstra, mas de forma sutil e inequívoca, que embora a festa fosse em honra a Cristo, Simão considerava seu convidado como se fosse de uma posição socialmente e espiritualmente inferior.²⁴

¹⁸ RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

¹⁹ RICHARDS, 2012, p. 159.

²⁰ RICHARDS, 2012, p. 159.

²¹ MORRIS, 2011, p. 140.

²² MORRIS, 2011, p. 140.

²³ WIERSBE, 2006, p. 256.

²⁴ RICHARDS, 2012, p. 159.

Ao contrário de Simão, a mulher por ele considerada pecadora, desde o momento da sua entrada na casa havia demonstrado extraordinário amor e gratidão por Jesus. Portanto, Jesus a via sob uma ótica totalmente diferente daquela do fariseu. Seus atos revelavam uma fé verdadeiramente transformadora por receber o perdão de Cristo dos seus muitos pecados.²⁵

Dando sequência a nossa análise exegética-teológica, nos deteremos em explorar o versículo 47 (“Por isso, eu te digo, seus muitos pecados tem sido perdoados; isto porque ela amou muito. Mas aquele a quem pouco é perdoado, pouco ama”). Nesta análise abordaremos aspectos morfológicos e semânticos de algumas palavras, como segue.

O significado do v. 47 pode variar completamente dependendo do sentido, que é determinado por aquilo que precede ou por aquilo que segue o termo. “*hos charim*” (por causa de ou por esta razão), pode ser relacionado com ambos, “eu te digo” (que está mais próximo) ou com “seus pecados tem sido perdoados”.²⁶

Caso não se fizer um corte depois das palavras “*hos charim*” (por isso), essas palavras vão com “*lego soi*” (te digo) e indicam a razão para aquilo que Jesus diz a seguir. O significado é: “Por isso [*hos charim*] eu te digo: os muitos pecados dela foram perdoados, como mostra o fato que [*hoti*] ela muito amou”. Mas, caso se fizer um corte ou pausa após “*hos charim*”, as palavras *lego soi* podem ser vistas como parentéticas e o sentido passa a ser este: “ela ungiu os meus pés com perfume porque [*hos charim*], eu te digo, os muitos pecados dela foram perdoados”.²⁷

A expressão “*hos charin*”, portanto, pode expressar uma razão ou um objetivo, mas aqui é usado naturalmente como apontando para o passado, para aquilo que já tinha sido dito. Diante disso, surgem duas linhas de interpretação quanto aos atos de gratidão e amor demonstrado pela mulher pecadora em relação a Jesus, por ter tido seus pecados perdoados, como veremos a seguir: i) As palavras “*lego soi*” podem ser usadas parenteticamente e a oração “*hoti*” usada para dar razão; assim, o sentido é: Devido a esta conduta seus muitos pecados tem sido perdoados, ou seja, porque ela amou muito. ii) As palavras “*hos charin*” devem ser usadas próximas de “*lego soi*” e “*hoti*” dando a compreensão, como é evidenciado pelo fato: “Por causa desta conduta Eu te digo (que) seus muitos pecados tem sido perdoados, como está evidenciado pelo fato que ela muito amou”.²⁸ O que está em jogo aqui é, se o amor é a base real do perdão, ou, de forma alternativa, é o caminho no qual a realidade do perdão torna-se evidente.²⁹

²⁵ RICHARDS, 2012, p. 159.

²⁶ NOLLAND, 1989, p. 358.

²⁷ OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais do Novo Testamento*. Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 121.

²⁸ MARSHALL, 1983, p. 313.

²⁹ NOLLAND, 1983, p. 358.

Em favor da primeira linha de interpretação está o texto de 1Pe 4.8³⁰, mas é duvidoso que o NT apoie a visão de que o amor cobre, isto é, expia o pecado. Outro fator que dá crédito a esta interpretação são os tempos verbais usados que favorecem este ponto de vista, como é o caso do verbo *ἡγάπησεν*, que é um aoristo indicativo ativo e aponta para o ato anterior de amor demonstrado pela mulher.³¹

Por outro lado, o que dificulta a primeira linha de interpretação é que ela está na contra-mão do contexto, pois os vs. 41-43, 47b e 50, não apoiam esta possibilidade de interpretação. Alguns estudiosos admitem que mesmo que uma declaração em favor da segunda linha é o que nós esperamos, tal afirmação pode originalmente ter estado lá antes de ter sido alterada na redação. Estas admissões mostram a fraqueza da primeira linha de interpretação, especialmente quando não há razão para achar aqui um processo de edição que deseja mostrar que o amor precede o perdão.³²

A linguagem é indecisa, mas há várias razões para insistir que o v.47a encontra seu primeiro sentido, e o principal, em conexão com o que precede: (i) “*hos charim*” (por esta razão) amarra a declaração com o que precede; (ii) a discussão sobre o amor no v.47 pode ser somente uma continuação daquilo que é apresentado no v.43; (iii) a lógica do v.47 sugere que aquelas palavras ditas por Jesus digam respeito ao fariseu, comparando-o com aquele que pouco amou. Sendo este o caso, nós devemos relacionar “*hos charim*” (por esta razão) estreitamente com “Eu te digo” e usar “*hoti*” no sentido lógico: a mulher demonstra uma profunda gratidão mediante o amor manifestado, e isto é uma clara indicação de que ela tem sido liberta de um grande fardo, o da dívida moral.³³

Jesus passa a dizer a Simão que os pecados da mulher são perdoados. Ele não atenua aqueles pecados: são muitos. Mas é consistente com o ensino neotestamentário que não importa quantos ou quão grandes os pecados tenham sido, a graça de Deus pode perdoá-los. Devemos entender com cuidado as palavras porque “ela amou muito”. Jesus não está dizendo que as ações da mulher mereceram o perdão, nem sequer que seu amor o merecera. Em harmonia com sua pequena parábola e com suas palavras posteriores (v. 50), Jesus está dizendo que o amor que ela demonstrou é prova de que já tinha sido perdoada. Era a resposta dela diante da graça de Deus. Por contraste, “aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama”. É natural pensar em Simão, certamente demonstrara bem pouco amor, e a implicação é que não lhe fora perdoada muita coisa.³⁴

³⁰ “porque o amor cobre uma multidão de pecados”.

³¹ MARSHALL, 1983, p. 313.

³² MARSHALL, 1983, p. 313.

³³ NOLLAND, 1989, p. 358.

³⁴ MORRIS, 2011, p. 141.

Outro fator que corrobora com a segunda linha de interpretação, e pode ser a determinante, é que a forma verbal perfeito passivo³⁵ de ἀφένεται pode significar “Deus perdoou”; ou seja, a mulher pecadora já havia sido perdoada dos seus muitos pecados antes mesmo de entrar na casa de Simão, por isso ela demonstrou grande amor e gratidão em relação a Jesus.³⁶

A afirmação antitética na segunda parte do versículo é expressa em termos gerais, e é conseqüentemente formal e teórica. Isto necessariamente não implica que o fariseu já tinha sido perdoado por Jesus, ao demonstrar pouca gratidão em relação a ele; até porque toda conversa de maiores ou menores quantidades de gratidão são irrelevantes, diante da magnitude da dívida pessoal que cada pecador possui com o Salvador.³⁷

Conforme Champlin, o perdão pode tanto ser consequência do amor, como também o amor pode ser consequência do perdão. Há uma inter-relação entre a expressão do amor divino e a expressão do amor humano, e é nesta ligação que os pecados são perdoados.³⁸

Ora, o fariseu tinha consciência apenas dos pecados da mulher, que eram muitos; mas Jesus mostrou-lhe que tal consciência deveria ser motivo para ele ter manifestado sua gratidão e amor a Jesus. Alguns têm insistido em torcer as palavras do texto, a fim de que queiram dizer que o amor fluíu da mulher à base do senso do perdão, e não que o perdão lhe fora outorgado em face do amor que ela demonstrara. Existem duas grandes verdades neste texto, conforme se disse no princípio do comentário sobre estes versículos: há um intercâmbio entre o amor e o perdão; às vezes o amor vem primeiro, e às vezes vem primeiro o perdão, esse é o ensino do texto.³⁹

Evitamos alguns equívocos tomando alguns cuidados ao interpretarmos as palavras de Jesus. Primeiro, não devemos concluir que a mulher foi perdoada dos seus pecados por causa da sua atitude de gratidão apresentada ao ungir os pés de Jesus com o unguento. Também não podemos concluir que os pecadores tem seus pecados cancelados pela demonstração de amor, quer seja o amor de Deus por eles ou o amor deles por Deus. “O perdão de pecados e a salvação são alcançados pela fé em Cristo, e este foi o caso desta mulher; ao ouvir os ensinamentos de Jesus ela creu nele, alcançou o perdão dos seus muitos pecados e teve sua vida totalmente e radicalmente transformada”.⁴⁰

³⁵ O sentido do tempo perfeito quer dizer que a ação se completou no passado, mas o resultado se faz sentir no presente. O perfeito indica a permanência da ação completada, ou um estado presente resultando de uma ação passada (SCHALKWIJK, 1998).

³⁶ MARSHALL, 1983, p. 313.

³⁷ MARSHALL, 1983, p. 313.

³⁸ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 2

³⁹ CHAMPLIN, 2002, p. 80.

⁴⁰ WIERSBE, 2006, p. 256.

Considerações Finais

A narrativa do evangelho de Lucas 7.39-50 é bastante intrigante, mas não deixa de ser linda; sua estrutura textual é complexa, porém rica em detalhes que manifestam a bondade e a misericórdia de Deus. Dentre os quatro evangelistas, Lucas é o único que narra este evento. Nos outros evangelhos há textos semelhantes (Mt 26, 6-13, Mc 14, 3-9 e Jo 12, 1-8), ao de Lucas, mas nenhuma deles é tão detalhista.

Quanto à compreensão desse episódio de Lc 7.39-50, há um consenso entre os estudiosos que é um dos mais difíceis dos sinópticos. Isto se dá pelas muitas variáveis envolvidas no texto como: um fariseu e uma pecadora, a hospitalidade e o conflito, intromissão e perdão, silêncios e revelações. Aparentemente, o texto não somente deixa de apontar uma clara saída, como parece acolher uma divergência de opinião entre a parábola, por um lado, e o discurso de Jesus, por outro: a parábola afirmando que o perdão precede o amor e o discurso advogando que a mulher foi perdoada porque muito amou.⁴¹

Surgem então, duas linhas de interpretação: a primeira se posiciona favorável a idéia de que o amor e a gratidão são a causa do perdão, ou seja, a mulher pecadora foi perdoada porque amou muito. Já a segunda, posiciona-se de forma contrária a primeira, afirmando que o amor e as atitudes de gratidão são o efeito do perdão, isto é, a mulher amou muito por ter sido perdoada. Ambas as linhas de interpretação tem seus representantes biblistas, que as defendem sob forte argumentação a partir do seu entendimento do texto. Mas a linha de interpretação que apresenta um embasamento melhor fundamentado é a segunda, conforme os resultados alcançados mediante a análise exegética realizada acima. Este posicionamento está baseado principalmente na análise morfológica e semântica do v. 47, e mais especificamente no verbo *ἀφένονται*, que é um perfeito passivo, cujo significado é um resultado completo (ver nota 31). Contudo, esta pesquisa foi um grande desafio devido a complexidade da estrutura literária e semântica, o que fez com que a exegese se tornasse trabalhosa para chegar a algum resultado.

Referências

ARRINGTON, French L. Lucas. In: ARRINGTON, French L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v. 1.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 2.

⁴¹ MENDONÇA, José Tolentino. *A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7, 36-50*. Lisboa: didaskalia xxxvi, 2006. p. 85-93.

HÖRSTER, Gerhard. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2008.

MARSHALL, I. Howard. *The New International Greek Testament Commentary: The Gospel of Luke - A commentary on the greek text*. Willian B. Eerdmans Publishing Company:Michigan, 1983, vol.3. p. 276-314.

MENDONÇA, José Tolentino. *A construção de Jesus: uma leitura narrativa de Lc 7, 36-50*. Lisboa: didaskalia, ano xxxvi, 2006. p. 85-93.

MORRIS, Leon L. *Lucas: Introdução e Comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: vida Nova, 2011.

NOLLAND, John. *Word Biblical Commentary: Luke 1-9:20*. Dallas: Word Books Publisher. 1989, vol. 35a.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

SCHALKWIJK, Francisco Leonardo. *Coinê: pequena gramática do grego neotestamentário*. Patrocínio: CEIBEL. 1998, 8. ed. p. 98.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 162.

WIERSBE, Warren. W. *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, v.1.